



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS  
CLÁSSICAS**

**O PORTUGUÊS FALADO PELOS AWÁ-GUAJÁ E A INTERFERÊNCIA DA  
LÍNGUA MATERNA NA LÍNGUA ADICIONAL**

Rafael de Miranda Peres

13/0130524

Artigo final de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no Curso Letras Português e respectiva Licenciatura da Universidade de Brasília, UnB.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marina Maria Silva Magalhães

Brasília, 2018.

## **Resumo**

A língua a ser aqui objeto de estudo é a língua guajá, “falada por 420 indivíduos encontrados no noroeste do estado do Maranhão. Essa língua é parte do VIII subgrupo da família Tupí-Guaraní” (Magalhães & Mattos, 2014 apud Rodrigues, 1999). Neste trabalho pretendo analisar, por meio de um estudo exploratório e descritivo, as variedades do português falado pelos Awá-Guajá, que têm como língua materna em plena vitalidade o guajá e cuja maioria das pessoas domina muito pouco a língua portuguesa, analisando os fenômenos que ocorrem nessas variedades. Minha proposta é identificar e explicar, os traços da estrutura linguística do guajá que ficam explícitos no português falado por eles.

**Palavras chaves:** língua guajá, interferência linguística, português como língua adicional

## Introdução

No Brasil há cerca de 220 povos indígenas. Com relação às suas línguas, 180 línguas indígenas ainda são faladas, cerca de 20 desses povos só falam o português atualmente, e os demais falam a língua de um povo indígena vizinho.

As línguas indígenas do Brasil, assim como qualquer outra língua, são classificadas tomando em consideração características semelhantes que permitem tecer considerações sobre sua descendência. São separadas por grupos linguísticos, que são as famílias linguísticas, e essas famílias fazem parte de grupos maiores, os troncos linguísticos. Existem dois grandes troncos no Brasil: o Macro-jê e o Tupi. No que se refere à natureza da diversidade linguística no Brasil:

“Há grande diversidade entre as línguas indígenas do Brasil, tanto de natureza tipológica, quanto de natureza genética. Do ponto de vista tipológico há tanto línguas de gramática predominantemente analítica, quanto outras fortemente polissintéticas, com características que só se encontram nas Américas; tanto línguas com inventários fonológicos abundantes, como outras com um número extremamente reduzido de vogais e consoantes, assim como há línguas tonais, que caracterizam as palavras por sílabas de tom mais alto e de tom mais baixo, e línguas que, como a maioria das européias, só usam o tom para caracterizar tipos de sentenças. Do ponto de vista genético, que permite classificar as línguas em conjuntos com origem comum mais próxima ou mais remota, as 180 línguas indígenas brasileiras se distribuem por pouco mais de 40 conjuntos, a que se costuma dar o nome de famílias lingüísticas.” (RODRIGUES,1999)

A língua a ser aqui objeto de estudo é a língua guajá, “falada por 420 indivíduos encontrados no noroeste do estado do Maranhão. Essa língua é parte do VIII subgrupo da família Tupí-Guaraní” (Magalhães & Mattos, 2014 apud Rodrigues, 1999).

Os falantes dessa língua são os Awá-Guajá, um povo Tupi-Guarani da Amazônia Oriental considerado os últimos nômades caçadores-coletores do Brasil. Segundo Gracia, (2010), a atividade tradicional própria dos Awá-Guajá é a caça. É ela que define o padrão de ocupação territorial desse povo, que percorre grandes distâncias em busca do alimento. Mesmo hoje, os Awá-Guajá recém-contatados conhecem e dominam o território com base nos caminhos de caça, por isso precisam de florestas vastas e ambientalmente íntegras.

Neste trabalho pretendo analisar, por meio de um estudo exploratório e descritivo, trechos de discursos que representam uma das variedades do português falado pelos Awá-Guajá, que têm como língua materna em plena vitalidade o guajá e cuja maioria das pessoas domina muito pouco a língua portuguesa, analisando os fenômenos que ocorrem nessa variedade. Minha proposta é identificar e explicar, os traços da estrutura linguística do guajá que ficam explícitos no português falado por eles.

A abordagem tomada vai ser qualitativa. Os dados foram coletados pela professora Marina Magalhães, da Universidade de Brasília, a partir de diálogos em português com 8 Awá-Guajá que residem no norte do Maranhão e que apresentam diferentes níveis de domínio do português.

Para este trabalho foram transcritos e analisados áudios selecionados do whatsapp, que é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão via internet. A transcrição minuciosa dos áudios foi realizada utilizando o aplicativo ELAN, que é um software de computador, uma ferramenta profissional para anotar e transcrever, manual e semi-automaticamente, gravações de áudio ou vídeo. Este programa possui um modelo de dados baseado em camadas que suporta anotações de vários níveis e multi-participantes de mídia baseada em tempo.

Para melhor entendermos os traços da língua guajá que ocorrem na variante do português por eles falada, apresentarei, na seção 1, as classes de palavras do Guajá, verbos e nomes, assim como também tratarei dos marcadores pessoais, explicando aspectos básicos da morfossintaxe e do funcionamento dessa língua. Na seção 2 apresentarei os trechos analisados a partir de suas transcrições e farei uma análise dos dados, explicando a influência da estrutura da língua portuguesa na variante do português como segunda língua falada pelos Awá.

## 1. Estrutura básica do guajá

O guajá apresenta três classes de palavras principais: verbos, nomes e advérbios. São classes funcionais de palavras da língua os pronomes, as posposições e as partículas. Neste trabalho trataremos apenas da distinção entre verbos e nomes, além realizar algumas considerações sobre as posposições.

### 1.1. A classe dos verbos e dos nomes

Nas línguas da família Tupí-guaraní, verbos e nomes podem ter a função de predicado ou argumento. Na língua Guajá, de acordo com Magalhães (2007), ambas as classes podem exercer a função sintática de predicado sem qualquer alteração morfológica.

Veja os exemplos em que o mesmo comportamento morfossintático ocorre entre nomes e verbos<sup>1</sup>:

Nome

(1) ha = r - a'y

1.II = R - filho

'Eu tenho filho'

Nome com função de predicado

Verbo

(2) a - kere

1. I - dormir

'Eu dormi'

Verbo com função de predicado

Porém, é possível notar que, apesar de nomes terem função predicativa primária, eles são mais utilizados como argumentos do que como predicado, da mesma forma que os verbos ocorrem mais como núcleo do predicado do que como argumento. A natureza do nome é a de ser argumento. Então o nome exerce função argumentativa primária, diferente do verbo que precisa de um morfema derivacional para funcionar como argumento, logo o verbo tem função argumentativa secundária.

Morfologicamente, os nomes caracterizam-se por constituírem a única classe lexical que admite:

a) flexão com o sufixo nominal –a, como se pode ver no exemplo;

(3) tapi'ír-a

anta-N

Ø-manũ

3-morrer

---

<sup>1</sup> Todos os exemplos utilizados nesta seção foram retirados de Magalhães (2007).

‘a anta morreu’

b) flexão com o sufixo casual locativo –pe, como mostra o exemplo;

(4) jahá a-keré tapó ha= Ø-kahá-pe  
Eu 1-dormir POS4 1= R-rede-LOC  
‘ eu dormi deitado na minha rede’

c) os sufixos de atualização nominal -ker e -rỹm, conforme mostram os exemplos;

(5) t-ipa-ker-a  
HUM-casa-RETR-N  
‘casa abandonada (ou destruída)’

(6) t-ipa-rỹm-a  
HUM-casa-PROSP-N  
‘casa projetada (ou em construção)’

d) o sufixo coletivizador –kér, apresentado no exemplo:

(7) awá-wanihã-kér-a i-mymýr-a Ø-pyhý wỹ  
Guajá-homem-COL-N R<sup>2</sup>-filho-N 3-pegar PLU  
‘um grupo de Guajá homens pegaram seus filhos’

Como no Guajá não há morfemas que distingam singular de plural, a indicação de pluralidade é feita por esta partícula ou pelo sufixo que denota coletivo –kér, o qual também pode ser observado no exemplo (7) em awá-wanihã-kér-a ‘os Awá homens’.

O Guajá também não apresenta morfema flexional de gênero. Existe uma forma de expressar o sexo de participantes do discurso que contenham o traço [+animado], mas é um processo sintático e opcional: são utilizados na sentença nomes qualificadores que designam se determinado vocábulo se refere a um ‘macho/homem’(-wanihã), ou a uma ‘fêmea/mulher’ (-wahý), como é possível constatar nos exemplos:

(8) Ø-wanihã-Ø ari-rú tá xíe, Marina, i-pý-a

R<sup>2</sup>-homem-N 2-trazer PROJ aqui, Marina, R<sup>2</sup>-primeiro-N  
'o (filho) homem você vai trazer aqui, Marina, o primeiro'

- (9) awá-wahý-a i-kahá Ø-japó  
Guajá-mulher-N R<sup>2</sup>-rede 3-fazer  
'a mulher Guajá faz sua rede'

Magalhães (2007) afirma que “apenas as palavras identificadas como nomes é que podem receber o sufixo -a, outras, não. Sem o sufixo, esses nomes exercem função sintática de vocativo, complementos circunstanciais ou núcleos de predicados existenciais” (p. 145).

Já os verbos, como afirmado anteriormente, para exercerem função de argumento, precisam ser derivados em nome por meio de morfemas nominalizadores, como no exemplo abaixo:

- (10) ha = Ø-kere-ha-Ø      i-muku  
1.II = R-dormir-NZR-N      3.II-ser.longo      verbo funcionando como  
argumento  
'minha dormida foi longa'

Segundo Magalhães & Mattos (2014), os verbos podem ser classificados como divalentes ou monovalentes. Os divalentes são aqueles que admitem dois argumentos, um externo e um interno. Os monovalentes admitem apenas uns argumentos, um externo ou um interno;

Verbo Divalente

- (11) awa wahy-a      manakũ-a      Ø-pyhy  
Guajá mulher-N      cesto-N      3.I-pegar  
'A mulher Guajá pegou o cesto'

Verbo monovalente

- (12) jawar-a      Ø-kere  
cachorro-N      3.I-dormir  
'o cachorro dormiu'

Os verbos, no Guajá, também podem ser subdivididos em relação a estrutura semântica, em duas classes: eventivos ou estativos. Verbos eventivos são aqueles que expressam mudanças rápidas de estados, condição ou “locação espacial de alguma entidade codificada como nome ou marca de pessoa” (Magalhães & Mattos, 2014) e podem ser monovalentes ou divalentes.

Verbos Eventivos:

Monovalente

- (13) jawaruhu-a    Ø-wyhy    aha  
onça-N            3.I-correr    CTF  
'a onça correu (se afastando)'

Divalente

- (14) awa'yr-a    tatu-a    Ø-xa  
criança-N    tatu-N    3.I-ver  
'a criança viu o tatu'

Os verbos estativos, exprimem conceitos que envolvem propriedades físicas mais estáveis dos nomes, como tamanho, forma, cor, consistência, textura, peso, cheiro, sabor e estados temporários, são todos monovalentes.

- (15) i-mymyr-a    i-kira  
3-filho-N        3.II-ser.gordo  
'o filho dela é gordo'

- (16) Awa-wahy-a            i-pa'ruhu  
mulher-Guajá-N        3.II-estar.grávida  
'a mulher Guajá está grávida'

Já na questão dos nomes, os nomes admitem argumentos, assim como os verbos e também são subclassificados como os verbos pela valência de acordo com o número de argumentos admitidos: Monovalentes ou Divalentes. Os nomes

monovalentes são os que quando em posição de predicado apresentam apenas um argumento, externo.

- (17) Wa'amaxĩ-a      Awa-te-a  
N.PR.-N            Guajá-REAL-N  
'Wa'amaxĩ-a é Guajá de verdade'

Nesse exemplo, o nome monovalente em posição de predicado Awatea 'Guajá de verdade' ocorre com seu único argumento, externo, Wa'amaxĩ-a.

Nomes divalentes são aqueles que, quando em posição de predicado, expressam obrigatoriamente um argumento externo e outro interno.

- (18) Wa'amaxĩ-a      ha-miriko-a  
N.PR.-N            3.II-esposa- N  
'Wa'amaxĩ-a é a esposa dele'

No exemplo acima, o nome divalente –(i) mirikoa 'esposa' requer um argumento externo Wa'amaxĩ-a e outro interno, que foi expresso no núcleo nominal por meio do prefixo ha-.

## 1.2. Estrutura morfossintática dos sintagmas

Magalhães e Mattos (2014) estabelecem uma comparação entre as estruturas argumentais nominais e verbais explorando as suas semelhanças e diferenças. Segundo as autoras, o núcleo de uma construção e seu dependente depende da relação intermediada feita por um prefixo que é uma marca de adjacência (R), que tem a função de marcar a dependência sintática do pronome clítico em relação ao núcleo do qualquer tipo de sintagma.

Os pronomes pessoais denotam a pessoa gramatical das entidades participativas no ato comunicativo. No guajá os Sintagmas Nominais têm como núcleo um nome, mas eles também podem ser substituídos por pronomes independentes que expressam a pessoa do sujeito da sentença.

Quando falamos de sintagmas nominais (SN) nos referimos a um agrupamento de palavras que estabelecem entre si uma relação de dependência sintática e cujo núcleo é nominal. No guajá, o núcleo nominal não tem marca de gênero ou número.

- (19) tapi'ír-a            ka'á-pe

anta            mato-LOC  
'a anta está no mato'

Caso um SN seja formado por dois nomes, a relação de dependência entre eles será intermediada pelo prefixo relacional supracitado, sempre marcado no núcleo do sintagma, conforme ilustra o exemplo 25 mais abaixo.

Quando falamos de sintagmas verbais (SV), esse prefixo marca a dependência do argumento interno pronominal (mas não nominal) em relação ao verbo ativo ou do argumento único (interno) pronominal (mas não nominal) em relação ao verbo estativo.

Verbo ativo

(20) Akamatỹ-a            [[ni]=r-ixa]  
      N.PR.-N                2.II=R-ver  
      'Akamatỹ-a            te viu'                (SV com núcleo divalente  
ativo)

Verbo estativo

(21) [[ni]= n-atỹ]  
      2.II=R-ser.forte                (SV com núcleo monovalente  
estativo)  
      'você é forte'

Quando o argumento interno é um sintagma nominal (SN), ele não se relaciona com o núcleo verbal por meio das marcas de adjacência.

(22) [Akamatỹ-a]            <h-atỹ>  
      N.PR.-N                R-ser.forte  
      'Akamatỹ-a            é forte'

Nos sintagmas posposicionais (SPs), os prefixos marcam a dependência do objeto da posposição, pronominal ou nominal, em relação à posposição, que é o núcleo do sintagma. Nos SNs as marcas de dependência do argumento interno, pronominal ou nominal, em relação ao núcleo divalente.

(23) [[ni] = r-ake]  
      2.II = R-perto                (Sintagma Posposicional)

'perto de você'

- (24) [[ni] = r-u]-a  
2.II = R-pai-N (SN genitivo com núcleo divalente)  
'o teu pai'

É possível notar que a relação entre o núcleo do sintagma e seu argumento interno ocorre de maneira diferente, quando comparamos a estrutura dos sintagmas nominal e posposicional à do sintagma verbal, dependendo também do número de argumentos que cada núcleo lexical requer.

- (25) [[Xiparêxa'a r- imiriko]-a o-ho  
N.PR R-esposa-N 3.I-ir  
'a esposa de Xiparêxa'a foi embora'

O exemplo acima apresenta a estrutura de um SN com núcleo lexical divalente e pode-se verificar que o argumento interno do SN está dentro do SN genitivo e é adjacente ao núcleo, portanto, marcado pela marca de adjacência. A mesma estrutura encontrada nos SPs.

- (26) [Pinawãxika]- ø [i-mymyr]-a [ø-xa]  
N.PR-N 3.II-filho-N 3.I-ver  
'Pinawãxika viu o filho dela'

Já nesse exemplo, de um SV também com núcleo lexical divalente, o objeto do SV expresso por meio de um sintagma nominal, apesar de ocorrer imediatamente antes, não é adjacente ao núcleo.

Considerando essas diferenças, Magalhães e Mattos (2014) esclarecem que o argumento interno nominal do SV que figura como predicado finito independente é um argumento de nível oracional, enquanto o argumento interno dos SNs e dos SPs, assim como o argumento interno pronominal dos SVs divalentes, continua sendo do nível do seu próprio sintagma.

O quadro abaixo resume o paralelismo entre os diferentes tipos de sintagmas e explicita a função sintática exercida pelos argumentos expressos por meio de duas séries de marcas de pessoa que podem ocorrer nos diferentes tipos de sintagma: marca da série I e da série II.

<b><i>Categoria lexical do núcleo</i></b>	<b><i>Série I</i></b>	<b><i>Série II</i></b>
<b><i>Verbo</i></b>	<b><i>Argumento externo de verbos intransitivos</i></b>	<b><i>Argumento interno pronominal de verbos transitivos</i></b>
	<b><i>Argumento único de verbos intransitivos eventivos</i></b>	<b><i>Argumento único de verbos intransitivos estativos</i></b>
<b><i>Nome</i></b>		<b><i>Argumento interno dos nomes divalentes</i></b>
<b><i>Posposição</i></b>		<b><i>Argumento interno de posposições</i></b>

*funções argumentais exercidas pelos diferentes marcadores pessoais*

Os marcadores da série I são utilizados para se referir aos argumentos externos e os marcadores da série II para os argumentos internos. A série II de marcadores pessoais do Guajá refere-se à expressão da pessoa gramatical do argumento interno dos diferentes tipos de sintagmas, sejam eles verbais, nominais ou posposicionais, revelando que a marcação de pessoa na língua ocorre transcategorialmente.

### **1.3. Marcadores pessoais**

A pessoa e o número do sujeito e do objeto são marcados no verbo por meio de prefixos pessoais ou por meio de marcas de adjacência (também amplamente conhecida como prefixos relacionais). Vimos que existem duas séries de marcadores pessoais em relação ao verbo, a série I e a série II.

A série I é caracterizada por prefixos verbais e constituída de marcadores que se referem aos argumentos externos e expressam o agente de predicados verbais divalentes.

<b>'eu'</b>	<b>a-</b>
<b>'nós' (excl..)</b>	<b>arV- ~ ari-</b>
<b>'nós' (incl.)</b>	<b>x- ~xi-</b>
<b>'você'</b>	<b>arV- ~ ari-</b>
<b>'vocês'</b>	<b>pV- ~ pi-</b>
<b>'ele(s)'</b>	<b>∅-</b>

**Prefixos pessoais da série I**

A série II é considerada uma marcação de pessoa transcategorial, estabelecendo um paralelo entre as estruturas verbais, nominais e posposicionais. É constituída de pronomes clíticos e referem-se ao argumento interno desses diferentes sintagmas, expressando o paciente de predicados verbais divalentes, o argumento único de predicados verbais monovalentes estativos, o possuidor dos sintagmas nominais genitivos e objeto dos sintagmas posposicionais.

‘eu’	ha=
‘nós’ (excl..)	are=
‘nós’ (incl.)	jani=
‘você’	ni=
‘vocês’	pĩ=
‘ele(s)’	i-

Pronomes clíticos da série II

Uma vez apresentadas as características básicas dos nomes, verbos e posposições da língua, na próxima seção realizaremos a análise dos trechos de áudio associadas à sua explicação.

## 2. Análise de dados

Nesta seção, analisamos trechos transcritos de dados coletados com o objetivo de identificar, no português falado pelos Awá, interferências da estrutura de sua língua materna. É essencial observar que trata-se de um corpus ainda muito limitado e restrito a colaboradores do sexo masculino e de uma faixa etária entre 25 e 35 anos.

Podemos observar nos dados abaixo que, com relação aos nomes, foi identificada a ausência do sufixo de plural e também a falta ou a troca do morfema de gênero.

### Dado I

bom dia Marina eu aqui é o Mãnã Marina a genti queria saber pagamentu as coisa qui a genti a genti vendeu pus parentis...

[ bõm djia marina ew aki ε o mane marina aʒentʃi keria sabeh pagemẽntu as koiza ki aʒentʃi a ʒentʃi vẽndew pus parẽntʃi ]

Nesse Dado I notamos a falta da preposição “de” e também do artigo “o” na fala “saber pagamentu as coisa”, uma vez que no português seria esperada a forma “saber do/sobre pagamentos das coisas”.

Como não existem artigos, nem definidos nem indefinidos no guajá, podemos interpretar que essa falta de artigo está ancorada no reflexo dos traços da primeira língua, língua do falante sobre a segunda. Da mesma maneira se explicaria a ausência das preposições, uma vez que o guajá não tem preposições, apenas posposições, o que, possivelmente, leva o falante a deixar de produzi-las na língua adicional, influenciado pela língua materna.

### Dado II

...um galinha do Petú né que vendeu para eles a pessoa du espieni não pagaram ainda não marina...

[ũ gaʎiɲa du petu nɛ ke vɛdew pra eles a pesoa du (ISPN) nãw pagarãm aĩnda nãw marina]

Nesse dado notamos a troca do artigo feminino pelo masculino no trecho “um galinha do Petú” e também a ausência da marcação do plural no substantivo “pessoa” e artigo correspondente o que ocorre devido à ausência de marcas de gênero nos nomes da língua guajá. Assim, na variante do português falado por eles, é comum o uso arbitrário dos sufixos de gênero -a ou -o”. Isso ocorre porque na língua guajá não há marca nem de gênero nem de número nos substantivos, o que acaba por refletir, na variante do português falada pelos Awá-Guajá, que, muitas vezes, os nomes sejam utilizados sem essas marcas morfológicas ou sem a distinção masculino/feminino existente apenas nos nomes do português.

### Dado III

nõ chegemu cansado né a viagem cansa né se foi primeiro voutu no chegemo aqui Marina...

[nõ ʃɛgemu kãsado nɛ a viaʒɛ ɛ cãnsã nɛ se foi primeiro voutu no ʃegemo aki marina]

Novamente é possível notar a falta de /s/ plural no adjetivo “cansado”, no trecho “nõ chegemu cansado”, pelo mesmo motivo identificado na análise anterior. Assim como o Dado II, aqui temos a falta de plural novamente no discurso do falante.

### Dado IV

...no chegemo aqui marina aqui nó chemu conversei na comunidade comunidade conversou migu vi as casa bunitu...

[ no ʃegemo aki marina aki no ʃegemũ kõvehsei na kōmunidadʃi kumũnidadʃi  
kõvehsow miɣw vi as kaza bunitu ]

Nesse trecho da fala, é possível identificar a falta de concordância de gênero em “vi as casa bunitu”, o que ocorre devido à ausência de marcas de gênero nos nomes da língua guajá. Assim, na variante do português falado por eles, é comum o uso arbitrário dos sufixos de gênero -a ou -o. Também se observa o uso inadequado da preposição *em* no trecho “conversei na comunidade”, pelo motivo já explicitado acima de que não há preposições na língua Guajá, apenas posposições. O fato de se escolher usar uma preposição, ao invés de não usá-la, já demonstra um melhor domínio da estrutura do português, no entanto, a escolha da preposição ainda não foi adequada, já que se espera, para essa estrutura, o uso da preposição *com*.

#### Dado V

e o Mihaxa'a tá aqui não Mihaxa'a tá pu matu Kamitỹ tá pu matu Pakẽ tudu pu matu

[ ɪʋ miatʃia te aki não miʃatʃia te pũ matu kamitã te pʋ matu pakẽ tudu pʋ matu ]

Já nessa fala, “e o Mihaxa'a tá pu matu Kamitỹ tá pu matu Pakẽ tudu pu matu” observa-se a ausência de artigo definido antes dos nomes (com exceção do primeiro Mihaxa'a), o que pode ser explicado pelo fato de que não existe a classe dos artigos em Guajá.

#### Dado VI

ae depois é repassado no comunidadi entendeu ai um reunião vai ter amanhã  
segunda feira ele a gente conversa lá onti né ai um conversa com gaúcho mandar  
um zapi gaúcho né...

[ ae nepoɪʃ repasadu no komunidadʃe ẽntedew ai ũ reuñiãw vaj teh amãñã  
segũnda feira ele aʒentʃi konvehsa le ontʃi nẽ ai ũ kõnvehsa kôm gauʃo mãndah ũ  
zapi gauʃo nẽ ]

Identifica-se neste trecho a falta de concordância de gênero quando é falado “(...) repassado no comunidadi (...)”, além do uso da preposição *em* inadequada, uma vez que um falante de português como língua materna diria “repassado para a comunidade”.

A ausência de concordância de gênero também pode ser observada no trecho “(...) um reunião (...)”. A ordem das palavras: “um reunião vai ter amanhã”, que não corresponde a ordem natural do português, mas que representa a maior liberdade na ordem das palavras que o guajá tem. A ausência da preposição *para* no trecho “mandar um zap Gaúcho, né!”.

## Dado VII

aqui é du reunião du awá né na vale né gente já conversou muito a gente cansa né a gente é cuminudadi ezancu puhafali ai u avali cumbinou pra genti né pra ideransa né conversou com avali pra oiar as casa lá du cume a cidade né chama riu de Janeiro...

[ aki ε du reuniõ du awa ne na vale ne zentji ze kõvehsow mũitw ne azentji kãnsa ne aʒntji ε kumũnidadji ezakw puhafali aiw avalj kubinow pra zentji ne pra iderãsa ne kõvehsow kõ avalj pra ojah as kaza le du kũme sidadjĩ ne jãmah riu de zãneiro ]

Nesse trecho nota-se a falta de concordância com o gênero, “aqui é du reunião...”, conforme já identificado em outros trechos. Também é possível identificar que o falante hora utiliza o artigo “a” antes do “a gente” hora não: [ aki ε du reuniõ du awa ne na vale ne øzentji ze kõvehsow mũitw ne azentji kãnsa ne aʒntji ε kumũnidadji ezakw puhafali aiw avalj kubinow pra zentji ne pra iderãsa ne kõvehsow kõ avalj pra ojah as kaza le du kũme sidadjĩ ne jãmah riu de zãneiro ]. A ausência do artigo, neste caso, é interessante porque mostra que, para os Awá, o substantivo “gente” ainda é dissociável do artigo “a”, diferentemente da maior parte dos falantes de português que concebem a expressão “a gente” como a realização do pronome de 1ª pessoa do plural.

## Dado VIII

...aqui doise Amakumua vai comigo é para a genti ir lá olhar as casa lá né cumé as as casa di barro né cume que o pessoal fazer lá do riu de janeiro né eu indigena nor vamú pra lá por oiar pra trazer ias casa pra cá pá cumunidadadi...

[ aki dõij amakumũe vai komigo ε: pra rentji ih le o/ah as kaza le ne kumε aj as kaza dʒi baro ne kumε ε ke o pesoaw fazeh le du riu de zaneiru ne ew ĩndizene nõh vamw pra le poh o/ã pra trazeh ias kaza pra ke pe kumunidadji ]

Tem que ser ressaltado o uso do infinitivo no trecho “o pessoal fazer”, no lugar do verbo flexionado “fez”. Isso pode ser explicado pelo fato de na língua guajá o verbo só ser flexionado para pessoa, o que faz com que eles não usem a flexão de tempo, mas o verbo no infinitivo em alguns casos.

## Dado IX

cunversa aqui comunidade só isso o Mariana a genti ia cunversou contigo pra genti você sabi a minha viaje né lá du riu de janeiru né e a genti já já avisa pra voceis pra voceis saber que a genti sai daqui quata feira tchal um abraço

[ kũnvehsa aki kumunidadʒi sɔ iso o mariana aʒentji ia kũnvehsa koŋtʃigw pra rentji ]

vose sabi a miņa viaze ne le dũ riw de zaneirw ne e azentji ze ja aviza pra voseif  
pra vøceif sabeh ke a zentji sai daki kwata fejra tfaũ ã abraso ]

O que podemos mostrar nesse trecho é a falta de preposição e artigo na parte “conversa aqui comunidade”, que deveria ser “conversar aqui na comunidade”, o motivo também já explicitado acima de que não há preposições na língua Guajá, apenas posposições. O fato de não se usar uma preposição, demonstra uma falta de domínio da estrutura do português.

#### Dado X

Ti araribóia tú já viu o contatum já né tikari Marina nõ estamo aqui queria ver os  
parenti guajá inda inzolado no matu ...

[ tʃiararibɔja tũ je viu ɔ kɔtatũ ze ne dʒigari marina ɛ nõ ɛftamo aki kyrie ver ɔj  
parẽntʃi gwaʒe ãnda inzɔlado no matu ]

Podemos destacar neste trecho que não foi utilizado aqui um mecanismo de ligação entre as orações “nós estamos aqui” e “queria ver os parente”. Era esperado o uso de uma conjunção explicativa “porque”: “nós estamos aqui porque queríamos ver os parente”. Isso ocorre devido ao guajá não apresentar conjunções explicativas em sua estrutura.

#### Dado XI

genti tá aqui pra a genti leva machado pra ele bruna disse né né a gente tá por aqui  
guardando ele tira Marina...

[ jẽntʃi tẽ ɛkj pra a jẽntʃi leva maʃado pra iʎa brũna dise ne ne ajẽntʃi tẽ poh akj  
gwaɦdãnw ɛle tʃira marina ]

Aqui observamos que não tem a marcação do artigo “a” antes do substantivo “gente”, no início de frase e falta o artigo “o” precedendo o substantivo “machado”. Há também um fenômeno diferente onde o falante troca a vogal “o” final do nome Bruno por uma consoante “a”. Isso ocorre porque na língua falada pelos Awá-Guajá os nomes flexionam-se usando o sufixo nominal referenciante -a ~ -Ø cuja função é permitir que uma raiz nominal, que tem função primária de predicado, possa ser capaz de expressar referência. Esse é um traço fortíssimo deixado da língua dos Awá no português falado por eles, uma vez que quanto menos domínio do português eles têm, mais eles tendem a usar os substantivos associados a uma vogal final -a.

#### Dado XII

vai um pessoa da funai ai para gente concegue buscar uns parenti lâ pra dendu  
matu a gente vai votar pra ainda em imperatris entendeu Marina

[ vay vîñ uñ pesoa de funay ay pra jentfj kôsezi buskah ãns parentfj lâñ predêñduĩ  
matu a zêñtfj vay voteh pra aĩnda eñ imperatris tẽndew marina ]

Aqui conseguimos observar a falta de marcação do artigo “a” no trecho “vai um pessoa”, assim como também identificamos nesse trecho novamente a oscilação do “a” antes da palavra gente.

### Dado XIII

Tá bom Bruno to recebendo tua mensage né tú nãu sabia tá sabendu aqui agoras  
eu também num sei tambem bruno sabiqui vi o fotu aqui

[ tẽbõm brunw to resebendw tua mesaže nẽ tu nãw sabia akinãw nẽ atãtfj (?) tẽ  
sabendw aki agoraf eu tãben nũ sei tãbẽjm brunw saibiki vi o fotu aki ]

Já nesse quadro notamos uma hipercorreção no trecho “tá sabendu aqui agoras eu também num sei” por meio do uso do sufixo de plural em advérbio, o que não ocorre no português. A hipercorreção é um fenômeno que consiste na procura excessiva de correção, que leva o falante de uma língua à substituição de uma forma correta por uma forma incorreta que o falante supõe ser a mais culta ou a que mais elevado nível social. O fato de alguns dos Awá identificarem a necessidade que o português tem de expressar plural por meio do sufixo -s, o que não existe em guajá, acaba por resultar na excessiva utilização desse morfema, inclusive em palavras que não se flexionam para número, como é o caso dos advérbios.

Adicionalmente, podemos constatar, a partir dos dados analisados, uma troca de ordem de palavras dentro de algumas orações pelo fato de o português brasileiro ter uma ordem mais rígida de palavras, SVO (sujeito - verbo - objeto), enquanto que a ordem canônica do guajá é SOV, porém com liberdade bem maior do que o português nesse sentido.

Veja nos exemplos:

- (27) majhu-a arapaha-Ø Ø-mukũ  
jiboia-N veado-N 3.I-engolir  
'a jiboia engoliu o veado'

Nesses exemplos a estrutura utilizada foi SOV, “jiboia-N veado-N 3.I-engolir”, a mais comum na língua guajá. No entanto, em português, essa oração teria a ordem SVO: “a jiboia engoliu o veado”. O mesmo ocorre no próximo exemplo:

- (28) awa Ø-warihã-ker-a i-mymyr-a Ø-pyhy wỹ  
Guajá R-macho-COL-N R-filho-N 3.I-pegar PLU  
'a homenzarada pegou seus filhos'

Aqui novamente a ordem sintática SOV é utilizada: “Guajá R-macho-COL-N R-filho-N 3.I-pegar PLU”. Essa diferença de ordem canônica entre as duas línguas traz alguma dificuldade para os falantes Awá na hora de organizar as orações no português.

### **Conclusão**

A partir das considerações gramaticais apresentadas na primeira seção, podemos apontar algumas características gramaticais comuns no uso da língua portuguesa entre os falantes do guajá, levando em consideração a análise dos poucos dados utilizados neste artigo e o fato de haver poucos estudos no Brasil sobre as variantes do português falado por indígenas considerando a influência de suas línguas maternas.

No dado I, observamos a interferência da língua guajá na variedade do português analisado através da falta de preposição nos discursos dos falantes, o que pode ser observado também nos dados IV e IX. A ausência de preposição pode ser explicada pelo fato de que o guajá não ter preposições, apenas posposições, o que, possivelmente, leva o falante a deixar de produzi-las na língua adicional, influenciado pela língua materna.

Notamos também a falta de concordância de gênero, ausência de artigo ou troca de artigo definido em seus discursos. Mesmo com poucos dados, podemos aferir pelos dados obtidos que a influência da língua materna no uso do português ainda é muito presente: A ausência da utilização de artigo foi identificada não somente no dado I, no trecho “saber pagamentu as coisa”, mas também no dado II, V, IX, XI e XII. Podemos notar que é um fenômeno que ocorre com frequência nessa variedade, e isso pode ser explicado pelo fato de não existir artigos, nem definidos nem indefinidos no guajá. Podemos interpretar que essa falta de artigo na variante do português falada por eles está ancorada no reflexo dos traços da primeira língua, língua do falante, sobre a segunda. Foi identificada também a arbitrariedade na expressão de gênero dos substantivos, como podemos ver nos dados IV, VI e VII. Essa confusão ocorre

devido à ausência de marcas de gênero nos nomes da língua guajá. Assim, na variante do português falado por eles, é comum o uso arbitrário dos sufixos de gênero -a ou -o.

No dado II, no trecho “analisar né que vendeu para eles a pessoa du espieni ” temos a ausência da marcação do plural no substantivo “pessoa”, não somente nesse dado mas no dado III, onde novamente é possível notar a falta de /s/ plural no adjetivo “cansado”, no trecho “nõ chegemu cansado”. Isso ocorre porque na língua guajá não há marca de número nos substantivos, o que acaba por se refletir na estrutura da variante do português falada pelos Awá-Guajá. Também notamos a hipercorreção no dado XIII, no trecho “tá sabendu aqui agoras eu também num sei” por meio do uso do sufixo de plural em advérbio, o que não ocorre no português. O fato de alguns dos Awá identificarem a necessidade que o português tem de expressar plural por meio do sufixo -s, o que não existe em guajá, acaba por resultar na excessiva utilização desse morfema, inclusive em palavras que não se flexionam para número, como é o caso dos advérbios.

A partir dos dados analisados, podemos perceber que, pelo fato de os Awá-Guajá terem ainda pouco tempo de convívio com não-indígenas e terem sua língua materna utilizada em 100% das interações verbais em seu território, é ainda muito forte a influência da estrutura morfossintática da língua guajá no português falado pelos awá, mesmo considerando que os colaboradores cujas falas foram aqui analisadas são aqueles que mais estabelecem contato verbal com a sociedade envolvente. Pelos nossos dados, observamos que todas as estruturas utilizadas por eles ao falar o português e que são diferentes da estrutura natural do português podem ser explicadas quando analisamos a sua língua materna.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Marcos Fabricio de Assis; MAGALHÃES, Marina Maria Silva. Prefixos em Guajá – Marcas de pessoas e de adjacência. Trabalho de Conclusão de Curso, Brasília: UnB, 2016.

CABRAL, A. S. A. C.; Silva, Ariel Pheula do Couto e. O Português Brasileiro falado pela comunidade Asuriní do Tocantins. Contribuições para o inventário da língua Assurini do Tocantins. Publisher: LALLI/UnB; IPHAN/MinC, pp.37-63. 2011.

GARCIA, U. F. Karawara a caça e o mundo dos Awá-Gujá. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo. São Paulo 2010.

GUARINO, Manuela L. S. concordância verbal e hierarquia de pessoa da língua Guajá: uma análise gerativista. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade de Brasília. 2015.

MAGALHÃES, Marina Maria Silva. Sobre a Morfologia e a Sintaxe da Língua Guajá. Brasília: Tese de Doutorado, UnB, 2007.

MAGALHÃES, Marina Maria Silva; MATTOS, ANA C. R. Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá. Revista de Linguística e Teoria Literária. Anápolis. v. 6, n. 2. p. 251-284. <http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/> , jul./dez. 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. Revista de Antropologia, São Paulo, n. 27-28, 1985

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. Laboratório de Línguas Indígenas, IL, UnB, (Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.